

Juventude(s) e escola: diálogo necessário

Colégio Albert Sabin
17 Maio 2017 | 18h07

SEGA O ESTADÃO



Falar em juventude acarreta provocar representações que são lançadas sobre o tema. Por um lado, as características associadas à juventude do ponto de vista estético e da imagem relacionados ao vigor e entusiasmo, são modelos que passam muitas vezes os parâmetros do universo adulto. Muito semelhante o “padrão juvenil” como exemplo a ser seguido. A juventude transformou-se e constituiu-se como ideal social. O corpo bem cuidado, a saúde, a possibilidade de encontrar momentos afetivos e profissionais são inspiradores de modelos e valores associados aos jovens. Prevalece uma espécie de conversão do humano em formato juvenil.

Essa representação sobre a condição juvenil nos leva a compreender a juventude como uma possibilidade de se viver esta etapa de uma forma diferente da que foi experimentada por gerações anteriores: “a infância quase desapareceu e a juventude se prolonga até depois dos trinta anos” (ABAD, FRUTAS, CARVALHO, 2003, p. 22).

Faria Kuhl (2004, p.89), por exemplo, é difícil precisar o que é juventude. Hoje em dia, “o conceito de juventude é bem elástico: dos 18 aos 30 anos, todos se acham não jovens. Pensamos de uma longa juventude direto para a velhice, deixando vazio o lugar que deveria ser ocupado pelo adulto”.

Por outro lado, não é raro encontrar posições que traduzam o jovem como alguém inconsequente ou como um ser em construção. No levantamento de definições sobre o tema, Spósito (2005, p.89) concluiu a respeito de juventude como “a fase da vida em que se trata a busca da autonomia, marcada pela construção de elementos da identidade pessoal e coletiva”.

NEWSLETTER Educação

Receba no seu e-mail conteúdos de qualidade

Digite seu e-mail

Inscreva-se

Porém, o termo juventude não é capaz de traduzir as inúmeras especificidades e idiossincrasias características dessa momento de transição. As especificidades, essas linhas de raciocínio, precisam ser interpretadas de maneira individual e reconhecidas como trajetórias que não necessariamente compõem um padrão único.

Dessa forma, é recomendável que se entenda o conceito de juventude em seu plural, sustentando a ideia de juventudes, marcando a heterogeneidade de maneiras de ser jovem e de ocupar os espaços na sociedade atual.

Essa noção de enxergar o jovem como multifacetado e não único rompe com o imaginário que marcou a forma de interpretar essa fase da vida. Uma das imagens mais enraizadas é aquela que compreende a juventude como algo a “vir a ser”, como apenas uma transição para o mundo adulto.

Em outra perspectiva, a juventude aparece como uma fase para elaborar a subjetividade da liberdade, momento em que grandes responsabilidades que exigem a possibilidade de experimentações, encorajado como período possível de “acerto e erro”, caracterizado por um hedonismo reinante e por uma flexibilização na aplicação de noções dirigidas a competências talis como transgressões e transições aos jovens.

Em também a percepção de que a fase é constituída como um período de crise, tensão e reclusão de conflitos com a autonomia, ocasionando, muitas vezes, o distanciamento da convivência familiar e arranhando valores até então enraizados.

De qualquer modo, pretende-se realizar que todos os “modelos” descritos promovem uma visão sobre o jovem como alguém que está em teste, que ainda não atingiu o padrão que futuramente a sociedade espera que ele incorpore.

É fato que existe um “caráter universal” presente nas transformações emocionais e físicas específicas dessa fase da vida. No entanto, é preciso ressaltar que não existe um único tipo de juventude, mas juventudes, pois cada indivíduo ou grupo constrói sua história a partir de suas experiências e do contexto social e cultural em que está inserido.

Naos acredita, este período da vida não implica ser somente a infância do mundo adulto, impregnada na evolução se dá em um formato único e linear. Precisa ser entendida, de acordo com Molari (2004, p.95), como uma fase constituída de “mudanças do corpo, dos afetos, das referências sociais e relacionais”.

Este artigo pretende, portanto, reforçar a importância de associar a imagem da juventude a algo em permanente mudança, e, ainda, resgatar, conforme Davrell (2007, p.2), “esse novo modo de ser jovem, espelhado das mudanças ocorridas nos processos de socialização” recentes.

Hoje, por exemplo, percebe-se que a mobilização da juventude se expressa de forma “plural, dispersa e fragmentada” (GIL, 2012, p. 3), dirigida a um fato específico e articulada por intermédio de redes que se reúnem a partir de interesses concretos e, por vezes, momentâneos.

No processo de identificar novas formas de expressão o protagonismo juvenil, destacam-se os apontamentos de Novais (2004) e Vital (2004), ao revelarem que os jovens, a partir das redes, constroem identificações parciais ou massivas, em que são capazes de manifestar insatisfações, propor sugestões sobre os assuntos investigados, além de sugerir formas não convencionais de atuação coletiva.

Essas novas formas de participação, assim como os temas discutidos desde aqui contendo, devem ser acolhidos pela escola e seus educadores. Compreender as formas, as demandas e os estilos mobilizados dos jovens atuais estabelece uma ponte necessária para o diálogo entre a juventude e a escola.

O fato de não captar os novos estilos de participação compromete e torna reduzido o diagnóstico sobre a juventude. Ao limitar e se contentar exclusivamente em expressões clássicas de mobilização juvenil, como a restrição de grêmios estudantis, por exemplo, hoje sem o mesmo apelo e impacto de outrora, corre-se o risco de se estabelecer a impressão de uma certa apatia e de falta de participação dos novos agentes.

Torna-se imperativo, portanto, conforme Davrell (2007, p. 33), que a escola esteja a “um cruz de seus muros, tentando ao mais penetrar no contexto social e suas influências” – do contrário, as tensões na relação entre juventude e escola tendem a se amplificar – a que investigue o papel e o sentido conferidos pelos estudantes a instituições de ensino, preocupando-se em relacionar o contexto escolar aos projetos de vida idealizados por eles.

Novas indagações são apresentadas: existe correlação entre a vivência escolar e o que mobiliza os jovens na construção de suas escolhas de vida? Além disso, será que a escola contribui para estimular o interesse dos estudantes pela capacidade de interpretar o mundo e pela participação social?

A escola, conforme Davrell (2004), deve contribuir para mostrar as reflexões e possibilitar um contexto das questões que abrangem tais dilemas de existência, visto que os jovens são agentes singulares para a obtenção de pistas sobre o entendimento a respeito do universo escolar.

Lacício Carrer

Coordenador pedagógico do Ensino Fundamental II

Mestre em Educação pela Unifesp e graduado em Ciências Sociais pela USP e em Pedagogia pelas Faculdades Integradas Campos Salles, Lacício Carrer é especialista em Orientação Vocacional e Adolescência, curso de pós-graduação organizado pelo Instituto Sedes Sapientiae.

REFERÊNCIAS

ABAD, Miguel; FRUTAS, Virginia; CARVALHO, Miguel. Políticas Públicas, Juventude em Plural. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

DAYRELL, Jaesue. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-54, set/out/100/04. Editora Autêntica Associação, 2005.

DAYRELL, Jaesue. A escola “vir” as juventudes? *Reflexões em torno do socialismo juvenil*. Educa: Soc. [online]. 2007. vol.26, n.100, pp.1079-1105.

GIL, Carmen Zeli de Vargas. Participação juvenil e escola: os jovens estão fora de casa? *Revista Última Decada*. Santiago, v. 20, n. 37, dez. 2012.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sistema da cultura. In: Novais, R.; Yamashita, F. (Orgs.). *Juventude e sociedade: Trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Persis, Abramo, 2004.

LEAO, Cecildo; DAYRELL, Jaesue. Tercito and REIS, Juliana Batista das. *Juventude, projetos de vida e ensino médio*. Educa: Soc. [online]. 2011, vol.32, n.117, pp.1067-1084.

NOVAES, Regina. Juventude e participação social: apontamentos sobre a intervenção da política. In: ABRAMO, Helena Wendel; FREITAS, Maria Virginia; SPOSITO, Marília Pontes (orgs.). *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez, 2010.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martins. *Retorno de Juventude Brasileira*. São Paulo: Fundação Persis Abramo, 2005.

VITAL, Cristina. A juventude de hoje: (re) invenções da participação social. In: THOMPSON, André (org.). *Associando-se à juventude para construir o futuro*. São Paulo: Petrópolis, 2005.

Mais conteúdos sobre: Juventude, Responsabilidade, Valores

Experiência, Transição, Diálogo